

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

CEDI - P. I. B.
DATA 31 12 86
COD U.M.D 02

5
AL

INFORMAÇÃO INDÍGENA BÁSICA IIB Nº 041/82-AGESP/FUNAI

GRUPO INDÍGENA: Umutina (Barbados)

O nome Barbado, de origem neobrasileira, é uma referência ao uso de cavanhaque ralo entre esses índios. Há menções na literatura de que os Umutina, para impressionar os inimigos, usavam cavanhaques ou barbas postiças, feitas com pelo/pele de macaco e cabelos das mulheres. Segundo Nelson Coelho de Senna:

"Barbados ou Barbudos - antiga nação selvagem de Matto Grosso (no Sipotuba), dos famosos Encabellados, que, como os Guaribas (do Amazonas) se faziam mais ferozes no aspecto pelos cabelos crescidos. O General Mello Rego, entretanto, afirma que os Barbados do rio dos Bugres, afluente do Paraguay, acima do Sipotuba, usam de longas barbas fictícias, feitas com tranças de cabelos de suas mulheres"(1).

LÍNGUA: família linguística Bororo (estudo comparativo Umutina/Bororo, feito por Aryon d'Albuquerque Rodrigues em 1954).

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

PI Umutina, 5a. Delegacia Regional. Município de Barra dos Bugres, Mato Grosso. Área de 24625 hectares, demarcada.

O habitat tradicional compreendia terras banhadas por rios que constituem o alto Paraguai, Mato Grosso, onde viviam já desde o século XVIII, conforme notícia prestada por Ricardo Franco de Almeida Serra em 1797:

"O pequeno rio Cabaçal, também aurífero, entra no Paraguay pela mesma margem de oeste, três leguas inferiormente a foz do Seputuba. Neste último rio vive a nação de índios barbados, mansa e valente, assim chamada por ser a única

nação deste districto que, tendo copiosas barbas se distinguem das outras nações" (2)

Com a chegada dos civilizados os Umutina deixaram a região do Sepotuba e migraram mais para o norte, passando a viver às margens do rio dos Bugres, por eles denominado Helatino-põ-pãre, afluente do alto Paraguai. O Serviço de Proteção aos Índios, SPI, fundou para assistí-los o PI Fraternidade Indígena. Hoje são atendidos pela 5a.DR, PI Umutina.

DEMOGRAFIA

Segundo Augusto Leverger, os Índios Barbados aldeados nas cabeceiras do rio dos Bugres eram cerca de 400, isto em 1862 (3). Um relatório do SPI em 1920 se refere à depopulação Umutina ocorrida após a pacificação de 1911, quando os Índios foram atingidos por um surto de sarampo. A população à época, num total de 300 indivíduos, foi reduzida em 1/3, ficando os 200 sobreviventes em condições precárias de saúde. E os Umutina sabiam que o mal lhes fôra trazido pelos civilizados:

"De que nos serve tanta farinha e roupa se morremos todos de moléstias que vocês nos passaram? Agora que todos nós morremos, você que diz ser nosso amigo, porque não nos cura?" E éramos impotentes para debelar o mal" (4)

Outro relatório do SPI, de 1923, diz que o número dos Umutina era superior a 120. Segundo Schultz, em 1943 havia apenas 23 vivendo na floresta e cerca de 50 no PI Fraternidade Indígena. Em 1945 houve 4 óbitos entre os primeiros: uma mulher de 65 anos e 3 crianças menores de 10 anos. Isto significa que, em 25 anos (1920-1945), a população Umutina ficou reduzida a 23% de seu número inicial (300 Índios em 1920). Os Umutina formam hoje um grupo de

2 - Almeida Serra, apud H. Schultz, Informações etnográficas sobre os Umutina, RMP, N.S., XIII:75.

3 - Apud Schultz, op.cit.:76.

4 - Relatório do SPI, 1920, apud Schultz, op.cit.:85.

230 índios, vivendo em uma única aldeia (FUNAI/ASPLAN/SAL, dados atualizados até junho de 1981).

HISTÓRICO DO CONTATO

Os Umutina, antes da pacificação ocorrida em 1911, eram descritos e tidos pelos neobrasileiros como indígenas agressivos e violentos, impedindo pela força a invasão de seu território tribal. Suas armas ofensivas eram o arco-flechas e um tipo especial de maçar, denominado tacape-espada. Os ataques eram realizados à noite, não se poupando nem mulheres nem crianças. Após a vitória celebravam-na com cânticos, exaltando as virtudes guerreiras do povo e rememorando vitórias passadas. Há menções à antropofagia ritual (Schultz, op.cit., p:78-79).

Foi a partir de fins do século passado que os contatos dos Umutina com a sociedade Nacional em expansão (ciclo extrativista da ipecacuanha ou poaia, caça, diamantes e ouro) tiveram seus lances mais dramáticos, havendo lutas e mortes de parte a parte.

Segundo o padre salesiano Nicolau Badariotti, escrevendo em 1898, era intenção do governo de Mato Grosso organizar uma expedição de extermínio contra esses índios, dada a resistência que opunham à penetração de civilizados em suas terras.

Na verdade, como sôí acontecer, os Umutina também foram vítimas da violência e da incompreensão do homem dito civilizado. Mesmo quando se aproximavam com intenções pacíficas, foram recebidos a bala pelos civilizados. Schultz levanta a hipótese que tal reação talvez fosse devida ao modo pelo qual os Umutina saudavam os recém-chegados: a chamada "saudação agressiva", quando os guerreiros se aproximavam com os arcos retesados, prestes a soltar as flechas, saltando de um lado para outro e da frente para trás, batendo os pés no chão e gritando.

Seria esse um modo de experimentar a coragem e a valentia do homem branco? Tal tipo peculiar de saudação foi observado por Rondon, pacificador daquele índios (Apud Schultz, op.cit.: 82-83).

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

-04-

Embora pacificados em 1911, durante algum tempo ainda continuaram a existir ataques de seringueiros e posseiros contra os Umutina, revidados pelos índios. Em 1919, para complicar o quadro, foram os Umutina atingidos por epidemia de sarampo, o que contribuiu sobremaneira para a depopulação do grupo e seu enfraquecimento físico. Outras doenças de caráter virótico também deram o ar de sua presença, liquidando grande parte do contingente tribal Umutina. Tais ocorrências explicam os dados demográficos apresentados anteriormente...

Após a pacificação foram-lhes dados instrumentos agrícolas, e já em 1923, relatório do SPI dá conta de como se desenvolviam nos trabalhos da lavoura, bem como se aplicavam à extração da poaia, sob a direção do chefe do Posto Indígena Fraternidade Indígena.

Contatos entre outros grupos tribais e os Umutina, antes da chegada do civilizado na área, assumiam caráter bélico ou cordial. Um dos grupos referidos é o formado pelos índios Habusé, que pelos relatos dos Umutina exerceram grande influência sobre sua cultura. Relações tensas e lutas constantes foram mantidas com os Pareci.

Considerados integrados por Malcher (1964), atravessam hoje todos os traumas e problemas advindos justamente da integração. Em relatório genérico sobre o PI Umutina, após 1975, sabe-se que nesse Posto residem não só Umutina como também Pareci e Hambikwãra. Muitos desses indígenas já residiram em núcleos urbanos, como Cuiabá, mas por problemas de inadaptação retornaram ao Posto. A justificativa de sua saída se prende a melhores condições de vida e de trabalho, bem como à valorização de seu status diante da sociedade indígena. São agricultores, plantando, arroz, milho e feijão. Vendem peixes para comprar sementes. O método agrícola utilizado lança mão da coivara. Toda a família participa das lides agrícolas. Os implementos, no entanto, são insuficientes. O artesanato consiste em cestaria e objetos em plumária, vendidos à ARTÍNDIA. Com o dinheiro recebido compram o estritamente necessário à sua sobrevivência física. O rádio e o toca-discos já são bens integrados ao universo cultural Umutinã.

Adriano

Apesar dos efeitos desagregadores advindos do contato com os civilizados, os Umutina possuem um forte sentido de identidade étnica. Reconhecem-se como índios e tradicionais moradores do alto-Paraguai. Aquela terra, como dizia uma de suas lideranças em 1975, é sua e só a eles pertence (David Price, The Parecí, in In the path of Polonoeste: endangered peoples of Western Brazil, 1981:28).

Segundo os próprios índios, muito deve ser feito para que sejam melhor assistidos pela FUNAI. Em primeiro lugar, lavoura desenvolvida por métodos rudimentares não dá resultados satisfatórios: há necessidade de máquina e técnicos agrícolas para orientar os trabalhos; o indígena não é convenientemente estimulado nem quanto ao trabalho nem quanto à manutenção de sua cultura tradicional; a cidade, atraindo os índios, exerce influência nefasta ou negativa sobre os mesmos, contribuindo para a desagregação familiar e grupal. Quanto ao último item, assim se expressam: " Os índios não devem sair do Posto para trabalhar na cidade, porque perderiam suas terras e, sem o contato com outros membros da tribo, deixariam de ser índios" (Relatório sobre o PI Umutina, Setor de Documentação da FUNAI). Mas todos concordam num ponto: sem educação formal, jamais terão oportunidade "lá fora". É por isto que pedem à FUNAI ensino profissionalizante.

DADOS MÍNIMOS SOBRE A CULTURA TRADICIONAL

É leitura obrigatória para todos aqueles que se interessem pela cultura Umutina o trabalho de Schultz, já citado, Informações etnográficas sobre os Umutina, ilustrados com fotos do Autor sobre o grupo, de alto valor etnológico. O pequeno resumo que se segue é fundamentado na íntegra nas descrições de Schultz.

Os Umutina de ambos os sexos se enfeitavam com adornos de penas, nos braços e orelhas, além de usarem colares feitos de dentes sementes e cabelo humano. O homem usava ainda tembetã e estojo peniano, enquanto que as mulheres vestiam saias chamadas ametã, de algodão. Os indivíduos do sexo masculino penteavam-se cuidadosamente, sendo os cabelos compridos amarrados no alto da cabeça,

Albuquerque

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

-06-

dobrados e presos por cordões de tucum, como um coque. As mulheres, ao contrário, cortavam-nos bem curtos.

Os adornos que mais chamavam a atenção eram, no entanto, os brincos feitos de penas, que chegavam até os ombros. As aves mais disputadas e que serviam à confecção dos enfeites eram: papagaio, tucano, gavião, pajulão, garça branca, maguari, arara, mutum. A confecção de brincos era um trabalho masculino. Mulheres usavam às costas pendentes de colares, feitos com bicos de variadas aves, unhas de animais, ossos, pele emplumada de aves, pequenos crânios e mandíbulas de peixes, além de pequenas cabaças, que eram amuletos protetores contra os maus espíritos, doenças e que propiciariam longa vida às suas portadoras. Na pintura corporal, uma constante, usavam tanto o jenipapo (preferencial) quanto o urucum. Assim escreve Schultz:

"Por ocasião do primeiro contacto com os Umutina no Posto "Fraternidade Indígena", todos homens que nos vieram cumprimentar, estavam pintados com jenipapo, urucu e barro amarelo, sendo que alguns tinham a cabeça, inclusive o cabelo todo coberto de tinta vermelha de urucu, com alguns traços horizontais de barro amarelo nas faces. O tronco também era vermelho, braços e pernas com linhas horizontais e inclinadas, com tinta negra de jenipapo. Outros pintaram o rosto e tronco totalmente negros, tendo os mesmos desenhos e traços nos braços e pernas" (id., ibid., p. 17).

Convém dizer que os homens Umutina usavam em diversas ocasiões formais-visitas, festas, cerimoniais - couros de animais às costas, denominados akarikã, que Schultz crê estar seu uso relacionado com um significado sócio-religioso. No ritual de culto aos mortos o akarikã era altamente prezado como adorno, sendo que os Umutina lhe atribuíam poderes sobrenaturais e associavam-no à idéia de reencarnação.

As atividades de subsistência tinham como ponto principal a agricultura. As roças eram de grande dimensões e precedidas de cuidados costumeiros do solo: desmatamento e queimada (coivara). Os instrumentos utilizados no preparo do solo e plantio eram o

Minaque

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

-07-

machado de pedra (pālo-tōri), o tacape-espada (ādo) e o pau-de-cavar (tāpo). As principais plantas cultivadas: mandioca brava e mansa, mandioca cipō, feijão fava, carā, batata-doce, abōboras, pimentas, urucum e algodão, milho. Este era seu principal recurso alimentar.

A segunda atividade em ordem de importância era a pesca, usando para isto arcos, flechas e timbō. Nesse último caso - havia um cantador que a orientava, chamado mestre de timbō ou Kuriti, que não sō mandava buscar o timbō na mata como também passava a noite cantando uma invocação ao espírito protetor ou "dono dos peixes" (Schultz, op.cit., p.154), pedindo-lhe pesca abundante. Mulheres e crianças recolhem os peixes atordoados pelo tōxico. O bater timbō, bem como flechar os peixes maiores, constituem-se em tarefa masculina. A caça, embora praticada, tornava-se a cada dia mais rara, dada a ação predatória do homem civilizado que levou à degradação ambiental. As peles de determinados animais eram muitíssimo apreciadas, para confecção do akarikā. Mulheres e crianças criavam filhotes de vários animais, como araras, pagaios, mutuns, gaviões, jacutingas. Usavam na alimentação a carne de porcos-do-mato, macacos, antas, cotias e jabutis, dentre outros. Os animais e seus caçadores ocupam lugar de destaque dentro da mitologia Umutina. Diversas restrições e tabus se relacionavam com a carne de caça, de caráter mítico-religioso-mágico. Os pais de um recém-nascido por exemplo, comem determinada caça ou deixam de comer outra, pois há efeitos benéficos e maléficos sobre a criança através do alimento que ingerem.

A vida social incluía toda uma série de regras de etiqueta. O casamento era tratado e resolvido pelos pais da moça. O pretendente deveria ser, antes de tudo, bom caçador, senão era rejeitado pelo futuro sogro. Se aceito, o noivo devia dar provas de sua perícia como caçador e pescador e, após o casamento, ia viver na casa dos pais da moça, devendo obediência ao sogro. O casamento era monogâmico. As regras morais, muito rígidas. Caso o homem não tivesse colocado o estojo peniano, considerava-se nu diante dos membros da tribo. Também tinha essa função a saia de algodão ou

Alina

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

-08-

ametã das mulheres. O pudor fazia parte do respeito próprio: su bestimã-lo ou perdê-lo era socialmente negativo.

A religião e o culto aos mortos incluíam inumeráveis crenças e ações. Acreditavam os Umutina que o ser humano era dotado de três almas: uma delas vai para o "céu" e outra encarna nos animais (metempsicose), o destino da terceira não foi dado a verificar por Schultz. A respeito da reencarnação, diz esse autor:

"Sobre a alma que se reencarna, explicaram, que o Índio vê em sonhos, o animal que sua alma escolherá, quando morrer. Comunica-o aos parentes, que, em caso de sua morte, providenciam o tal animal, para ser o "portador da alma" (Schultz, op.cit., p. 223).

O conceito de bom e mau, entre os Umtina, está ligado a qualidades e defeitos do ser humano. O mau não vai para o céu - barôza -, e seu espírito fica errando sobre a mata, sem comida, bebida, tranquilidade. No dizer dos índios "Bom é quem trata bem as crianças. Não as bate. É calmo e não faz mexerico. É bom caçador é tem roça grande". Assim, a preguiça e a mentira são males que impedem o repouso e descanso eterno da alma.

A cosmovisão Umutina é posta em relevo através de seus contos, lendas e mitos. Haipukú é o primeiro ancestral dos Umutina. Mas é no ritual do culto aos mortos que toda a complexidade de seu universo cultural é posta em relevo. Tal ritual era executado na temporada do amadurecimento do milho, constando de dezesse te cerimoniais, quando os Índios participantes se tornavam "portadores" das almas dos mortos.

Profusamente adornados e pintados, usando trajes cerimoniais, os Umutina cantavam, dançavam e representavam. As flautas sagradas, cantorias, elogios fúnebres e lamentações se faziam ouvir. O ritmo era marcado por maracás, ou pela batida de bastonetes sobre esteiras de palha onde se assentavam os participantes. Para essa ocasião do culto aos mortos era construída a casa de máscaras, denominada zâri, trabalho esse executado dentro de determinadas regras e acompanhado de ritos. O zâri era um local sagrado, onde estariam reunidos todos os espíritos invocados e onde se preparavam os homens e suas máscaras para a cerimônia.

Umutina

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

-09-

"Quando as máscaras apareciam no terreiro, se lhes juntavam as mulheres, que escolhiam aquelas que encarnavam a alma do parente ou dos parentes mais chegados. Frequentemente, então, as mulheres demonstravam seu afeto, afagando carinhosamente a palha ou os pés dos mascarados, dirigindo-lhes palavras de amor e saudade" (Schultz, op.cit.p. 263).

SITUAÇÃO ATUAL DOS Umutina

Esclarecimentos sobre a qualidade de vida e processo de aculturação dos Umutina serão prestados e explicitados a partir do trabalho de campo a ser feito nesse ano de 1982.

Brasília, 06 de maio de 1982


SONIA DE ALMEIDA DEMARQUET

SAD/mk

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

BIBLIOGRAFIA

- 01 - BALDUS, Herbert. Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.
- 02 - MALCHER, José M. Gama. Índios. Grau de integração na comunidade nacional. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1964.
- 03 - OBERG, Kalervo. Indian tribes of northern Mato Grosso, Brazil. Washington, Smithsonian Institution, publication nº 15.
- 04 - PRICE, David. The Pareci, in In the path of POLONOROESTE: endangered peoples of western Brazil. Cambridge, Cultural Survival, occasional paper nº 6, oct. 1981.
- 05 - SCHULTZ, Harald. Informações etnográficas sobre os Umutina. Revista do Museu Paulista, Nova Série, XIII, São Paulo, 1961/62: 75-313 + pranchas.

Handwritten signature